

## Neocoservadorismo religioso em grupos protestantes

Gustavo de Castro Patricio de Alencar<sup>1</sup>

### *Introdução*

A sociologia da religião tem como uma de suas principais tarefas identificar e analisar as transformações e o papel desempenhado pela religião em sociedades modernas, marcadas por intensas mudanças. Grupos religiosos em diversos contextos reagem às mudanças sociais através de estratégias que ora harmonizam ora produzem tensões com a sociedade. Particularmente, no campo religioso protestante brasileiro, observa-se nos últimos anos o crescimento de um neoconservadorismo – que será caracterizado ao longo deste trabalho – como reação a discursos e teorias feministas e de outros movimentos sociais que visam, dentre outras coisas, a igualdade de gênero. Se certo progressismo tem assimilado tais discursos e teorias transpondo-os para o meio evangélico em busca de harmonizações, uma reação neoconservadora se levanta rejeitando harmonizações e produzindo tensões através dos discursos e saberes que serão analisados adiante.

### *Religião e gênero*

A socióloga inglesa Linda Woodhead tem obtido notoriedade ao discutir gênero e religião como categorias que se interpenetram na sociedade moderna. Em seu texto *Gender differences in religious practice and significance* a autora destaca a importância de analisar essas duas dimensões da vida social de forma conjugada:

“if gender is a complex and interlocking set of power relations constituted in the historical process (Bourdieu, 2001), then it is possible to speak of the ‘gender order’ of a society, despite the impossibility of ever disentangling the full complexities of this order. Religion not only takes its place, within this order, it is a constitutive part of it, though it may play a range of different roles

---

<sup>1</sup> Mestre em sociologia (UFMG) e Doutorando em Sociologia pela UFMG. gcpalencar@gmail.com

and occupy a number of different positions” (WOODHEAD, , p. 568).

São diversos os caminhos pelos quais grupos religiosos produzem saberes e discursos que moldam o comportamento e atitudes dos indivíduos no que tange à noção de gênero. De acordo com a argumentação de Linda Woodhead, religião e gênero podem interagir de forma a reforçar a distribuição dos papéis sociais dos sexos, ou para mudá-los através de diferentes formas de contestação. Nesse sentido, para relacionar gênero e religião é necessário levar em conta duas importantes variáveis, situação e estratégia:

“Given that gendered distributions of power are integral to the wider inequalities of social power which define all known societies, this gives us two main variables to consider. One, the way in which religion is situated in relation to existing distributions of secular power: religion’s *situation* in relation to gender. Two, the way in which religions is mobilized in relation to existing distributions of secular power: religions *strategy* in relation to gender” (WOODHEAD, , p.569)

Neste trabalho procuraremos refletir a respeito das *estratégias* empregadas por grupos religiosos e sua *situação* com relação aos papéis de gênero para perceber em que medida a ordem social é reforçada ou contestada. Particularmente, analisaremos um tipo específico de neoconservadorismo que tem ganhado força em setores do protestantismo brasileiro.

### *Neoconservadorismo evangélico*

Magali do Nascimento Cunha analisou o neoconservadorismo em um texto chamado *Gênero, religião e cultura: um olhar sobre a investida neoconservadora dos evangélicos nas mídias brasileiras*. Nesse texto a autora promove uma análise do discurso de lideranças evangélicas que através da participação na mídia e de estratégias comunicativas contribuem com discursos neoconservadores envolvendo assuntos relevantes socialmente, dentre os quais se destacam as definições dos papéis de gênero. São analisadas palestras, pregações, sites e textos da líder Sarah Sheeva e Damares

**Alves que possuem em comum um discurso neoconservador que é definido da seguinte forma pela a autora:**

**“Aqui temos uma nova face do conservadorismo religioso, um neoconservadorismo, que emerge como reação a transformações socioculturais que o Brasil tem experimentado, em especial a partir dos anos 2002, com a abertura e potencialização de políticas do governo federal voltadas para direitos humanos e gênero” (CUNHA, 2014, p. 102).**

**Neoconservadorismo, portanto, nada mais é do que a reafirmação de posturas consideradas conservadoras através de novas roupagens adaptadas ao contexto moderno e atual. No caso analisado por Magali do Nascimento Cunha, essa adaptação ocorre por via da utilização do mercado tecnológico e comunicações midiáticas modernas. No caso estudado no presente trabalho irei analisar grupos que promovem um conservadorismo adaptado “aos novos tempos” por uma vida drasticamente diferente.**

**Pretendo apresentar o discurso conservador de grupos e líderes vinculados a um protestantismo mais tradicional e histórico, composto por pessoas com alta escolaridade e envolvimento acadêmico e que procuram dialogar com os discursos feministas. Em uma demonstração clara de que certas facetas do protestantismo brasileiros do século XXI não estão isoladas das demandas da vida moderna, esses grupos se envolvem com discursos seculares a respeito das construções de gênero para apontar suas aparentes falhas e contradições internas. Através de críticas a autores como Michel Foucault, Judith Butler, Simone de Beauvoir e mobilização de contra-argumentos, muitas vezes relacionados à sócio-biologia, esses líderes evangélicos promovem discursos que, em seu conteúdo, são conservadores, mas com uma forma bastante diferente das que usualmente são mobilizados no protestantismo brasileiro.**

**Vale ressaltar que nos anos 2010 há um recrudescimento de posturas neoconservadoras que pautam a agenda de grupos evangélicos, de acordo com Magali do Nascimento Cunha:**

**“o conservadorismo evangélico explícito dos anos 2010 parece estar dentro de um contexto de fortalecimento de**

posturas conservadoras na esfera pública brasileira. [...] Com discursos dentro do ideário da moral cristã (contra o aborto e o controle da natalidade e a favor da assistência psicológica a homossexuais) e de princípios caros ao liberalismo na política e na economia (Estado mínimo e elogios ao livre mercado), essas personagens têm captado apoios para além do círculo religioso com o mote 'é preciso salvar a família'. Na visão destas lideranças a família está sob ameaça dos movimentos civis por direitos sexuais e enfretamento da violência sexual, reforçados pelas ações do governo federal, desde que o Partido dos Trabalhadores (PT) assumiu em 2002 com abertura de mais espaços para legislação que responda a essas demandas" (CUNHA, , p. 107).

Por identificar características como as acima descritas em grupos protestantes históricos que pretendem discorrer sobre os papéis de gênero, podemos utilizar a caracterização do neoconservadorismo para analisá-los. De forma semelhante ao que foi realizado por Magali do Nascimento Cunha, que analisou uma palestra de Damares Alves, irei analisar materiais proferidos por líderes vinculados a movimentos protestantes de caráter histórico que embora não sejam tão expressivos em termos numéricos, acreditamos representar uma forma de pensar de muitos indivíduos que compõe as fileiras dos evangélicos no Brasil.

*26/06/2015*

*“Guarde esse dia: 26 de junho de 2015. Dia de choro para os profetas. Não pela queda dos EUA, nem pelos casais homoafetivos (que tenham a felicidade que podem ter)... mas pela queda dos Cristãos – os Cristãos – que amaram o presente século, e profanaram o Arco noaico em suas timelines”.*

A epígrafe acima foi escrita pelo pastor Guilherme de Carvalho em seu facebook no dia 26 de junho de 2015 (voltaremos a ela logo abaixo), dia em que a Suprema Corte estadunidense aprovou a legalidade do casamento homo-afetivo. O pastor Guilherme de

Carvalho é também líder do L'abri Brasil, instituição que se destaca ao tentar produzir e oferecer material teológico que pretende ser relevante para cristãos da sociedade contemporânea. Situado na capital mineira o L'abri Brasil recebe durante o ano, em uma casa, pessoas de distintos locais do país que estão em busca de soluções para dilemas teológicos e existenciais. Para atender tais necessidades este grupo promove palestras, pregações, textos e debates sobre temas diversificados que extrapolam a esfera religiosa propriamente dita. Já a algum tempo o tema de gênero tem sido recorrente nas palestras e discussões promovidas pelo grupo. No ano de 2015 algumas das discussões sobre gênero foram levadas para a Igreja Esperança quando o pastor Guilherme de Carvalho proferiu duas pregações: uma sobre o papel da mulher e outra sobre a homossexualidade em diferentes contextos que serão discutidos abaixo. Iremos analisar o conteúdo dessas pregações por entendermos que elas refletem discursos sobre gênero que são comuns em certas facetas do protestantismo histórico brasileiro. Adiantamos que muito do discurso proferido envolve a construção de uma nova roupagem discursiva para amparar posições conservadoras no que tange às discussões atuais sobre papéis de gênero.

No segundo domingo do mês de maio (dia em que se comemora os dias da mãe) o tema do sermão de domingo na Igreja Esperança foi “A mulher mais poderosa do mundo”, que já está disponível no youtube<sup>2</sup>. A pregação inicia ressaltando que não é possível definir masculinidade e feminilidade desconectada da religião. Pensar gênero – e esse ponto é crucial para a sociologia da religião – não é algo que diz respeito às esferas seculares para esses grupos estudados já que a religião constrói quadros de referência sobre os papéis sociais dos sexos mesmo no contexto contemporâneo.

Para sustentar os seus argumentos principais, que iremos expor abaixo, é afirmado que no intuito de lutar contra os problemas e

---

<sup>2</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=W3KmWx-laVk>

excessos da sociedade patriarcal, o movimento feminista caiu no extremo de não mais conseguir oferecer quadros de referência a respeito do que significa ser mulher. A perda de consciência sobre o que é ser mulher seria solucionada a partir do momento em que se descobre – na bíblia – qual é o papel da mulher no plano de Deus. No discurso que está sendo analisado o plano de Deus para a mulher está profundamente relacionado com o papel de mãe. A mulher deve se reconciliar com sua natureza feminina, entregar o seu ventre para Deus e cumprir a missão de se tornar mãe. Este seria o seu papel. Embora seja ressaltado que existam exceções (tanto biológica com mulheres que não conseguem ter filhos e religiosas com mulheres que escolhem ser celibatárias), a argumentação é que como cristãos todos nós não pertencemos mais a nós mesmos, mas pertencemos uns aos outros e no caso feminino, o seu corpo não pertence somente a si mesmo mas a humanidade. Deste modo as mulheres devem contribuir com a humanidade através do desempenho do papel de mãe.

Toda a criação de papel de um gênero envolve a criação do papel do outro, ou seja, falar sobre qual é o papel da mulher implica em falar sobre o papel do homem. Por isso é importante ressaltar que mesmo na pregação que apresenta a definição bíblica e natural da mulher já é afirmado sobre a definição bíblica e natural do homem. É sustentado que em relação ao homem não há superioridade intelectual e emocional deste último. O homem é o líder e a mulher lhe deve submissão, mas essa liderança não deve envolver, de acordo com o que foi afirmado, a diminuição da mulher. A liderança do homem envolveria o doar-se da mesma forma que a liderança de Jesus sobre a igreja envolve o sacrifício deste por aquela.

Seja como for, é notável que uma agremiação religiosa em um espaço de culto público critique o movimento feminista, faça uso de teorias sócio-biológicas e filosóficas para sustentar algo que do ponto de vista dos movimentos sociais é extremamente conservador: a identificação da mulher com o papel de mãe. Nesse sentido é que

sustentamos haver uma espécie de neo-conservadorismo. São expressas ideias conservadoras, mas com roupagens diferentes e adaptações típica de um grupo religioso que para se manter relevante precisa estabelecer estratégias discursivas que dialoguem com a modernidade de uma forma mais intensa.

A segunda pregação que iremos analisar se chama “O que há de errado com a homossexualidade?”<sup>3</sup> e foi realizada no dia 28 de junho deste ano, apenas dois dias depois do evento citado no início dessa seção: a aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo pela Suprema Corte dos EUA. De início destacamos mais uma vez o forte envolvimento de igrejas com os acontecimentos da vida moderna. O próprio pregador inicia sua fala dizendo que não iria tratar do tema no momento, mas o processo histórico se impôs a ponto do tema se tornar incontronável.

A epígrafe que foi retirada do facebook do pastor em questão já aponta para o teor de parte do discurso proferido na pregação: o que está por trás da decisão da Suprema Corte dos EUA não é apenas uma expansão de direitos civis, mas uma projeto civilizacional alheio as bases cristãs que está sendo implementado na sociedade cujo o maior problema é a adesão de cristãos a esse projeto. No mesmo dia da decisão da Suprema Corte diversos usuários do Facebook coloriram seus perfis com as cores do arco-iris (símbolo da militância LGBT) através de uma ferramenta disponibilizada pela própria rede-social. Por saberem pouco, ou nada, sobre o que significa ser homem e mulher de acordo com a bíblia, os evangélicos “desavisados”, de acordo com o que foi dito, fizeram o mesmo: coloriram sua time-line em apoio sem terem a devida consciência do que estavam fazendo: apoiando um projeto civilizacional que vai de encontro a vontade Deus.

Segundo o que foi afirmado, basta analisar de forma superficial a bíblia que ficará claro que a prática homossexual é condenada.

---

<sup>3</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=rKClkIKWeKE>

Foram lidas diversas passagens da bíblia que apontam para esse fato. No entanto, é afirmado que a homossexualidade é um pecado como outro qualquer e se tem sido mais enfatizado é porque algumas pessoas duvidam se essa prática deve ou não ser condenada. Nesse sentido existe um discurso oficial que sustenta que o cristão não deve ser homofóbico e que deve inclusive aceitar as uniões estáveis e direitos LGBT em uma sociedade plural. No entanto, o que está em jogo é que esse tipo de união não deve ser transformada em casamento. Existe portanto um embate sobre a visão a respeito do casamento.

Para o grupo do qual estamos falando o casamento não se deve basear no afeto. O romantismo do século XIX teria sido o responsável por colocar o afeto no centro do que se entende por casamento. Casamento, no sentido judaico-cristão é uma questão de ética e não de afeto e por isso teria a ver mais com uma tarefa a ser desempenhada por homens e mulheres do que com o afeto e atração sentido pelas pessoas. A homofilia (expressão recorrente na pregação) não faz ninguém mais ou menos cristãos, desde que, é claro, essa atração e afeto não se concretize em prática. A atração é permitida, mas deve ser reprimida já que a homossexualidade não harmoniza com o evangelho de acordo com o que foi afirmado.

Por todo o discurso existe uma referência a autores como Freud e Judith Butler bem como a elementos da teoria queer. Essa mobilização de teorias tem por objetivo estabelecer uma crítica àquilo que é chamado de construcionismo social que basicamente considera que todas as regras sociais são apenas invenções humanas não possuindo nenhuma base natural. Nesse sentido, é argumentado que embora haja componentes sociais no comportamento, ser homem e ser mulher é algo que diz respeito diretamente com fatores biológicos que compõe a norma daquilo que deve ou não deve ser feito. Sendo assim, o comportamento sexual homoafetivo é anti-natural e por isso não atinge os propósitos bíblicos para a sexualidade e nem para o casamento.



É fácil notar no discurso acima uma posição também conservadora a respeito da homossexualidade. No entanto, basta comparar o tipo de argumentação utilizada por esse grupo com as utilizadas por grupos pentecostais (NATIVIDADE 2006) para perceber que a forma discursiva, a estratégia argumentativa e o público para quem se fala é bastante diferente. Se por um lado interpretações literais da bíblia, tentativa de curar a homossexualidade e tratamentos que buscam a gênese desse comportamento abundam (*ibid*) no pentecostalismo, no caso analisado neste trabalho, vemos a tentativa de adaptar o discurso para um público de mais alta renda e escolaridade que por um motivo ou outro, possui contato com teorias sobre gênero desenvolvidas por movimentos feministas e de direitos LGBT. No entanto, a despeito da mudança na forma o resultado a que se chega é semelhante: a prática homossexual é pecaminosa e a união estável entre pessoas do mesmo sexo não deveria ser chamada de casamento, este só é possível entre um homem e uma mulher.

### *Conclusão*

A conclusão a qual chegamos já foi formulada ao longo do texto: se o termo neo-conservadorismo é válido para designar novas roupagens do discurso conservador, estamos diante de um grupo protestante exemplar para caracterizar o fenômeno. São mobilizados argumentos filosóficos, sociológicos, científicos para sustentar posicionamentos conservadores a respeito dos papéis de gênero e prática sexual. O “neo” se refere a essa intelectualização do discurso visando lidar com demandas dos indivíduos modernos que esbarram com discursos seculares sobre a mesma temática.

A religião não está cega, portanto, para os discurso modernos a respeito de política, gênero, sexualidade, economia, ciência, etc. Com o intuito dotar o crente de instrumental para “enfrentar” esses temas tão controversos, novos discursos são proferidos e novas estratégias são mobilizadas. No entanto, essa nova roupagem não

necessariamente modifica de maneira substancial o conteúdo do que já era expresso pelo protestantismo mais conservador.

## Referências

BIRMAN, Patricia. *Mediação feminina e identidades pentecostais*. Cadernos Pagu, . 6-7. P. 201-226, 1996.

CUNHA, Magali. Gênero, religião e cultura: um olhar sobre a investida neoconservadora dos evangélicos nas mídias no Brasil. In. SOUZA, Sandra Duarte. SANTOS, Naira Pineheiro SANTOS *Estudos Feministas e Religião: tendências e debates*. Curitiba: Editora Prismas, 2014.

HAWTHORNTTE, Sian. Midian and gender. In. CLARKE, Peter. *The Oxford Handbook of the Sociology of Religion*. Oxford University Press: New York, 2001.

NATIVIDADE, Marcelo. *Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 21, n. 61, 2006.

SOUZA, Sandra. *Revista Mandrágora: Gênero e Religião nos Estudos Feministas*. Estudos Feministas, Florianópolis. 264, setembro-dezembro, p. 2004.

WOODHEAD, Linda. *Mulheres e gênero: uma estrutura teórica*. REVER-Revista de Estudos da Religião, v. 1, p.1-11, 2002.

\_\_\_\_\_. Gender differences in Religious Practice and Significance. In: BECKFORD, J.; DEMERATH, J. (ed). *The Sage Handbook of the Sociology of Religion*. Londres: Sage, 2007.